



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura e ensino-aprendizagem:
pesquisa participante sobre contação de histórias

Thaís da Silva Rodrigues

Orientadora: Prof^a. Dra. Greyciane Souza
Lins

Brasília

2018

Thaís da Silva Rodrigues

Biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura e ensino-aprendizagem:
pesquisa participante sobre contação de histórias

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Prof^ª. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília
2018

R696b

Rodrigues, Thaís da Silva Rodrigues.

Biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura e ensino-aprendizagem: pesquisa participante sobre contação de histórias / Thaís da Silva Rodrigues. – Brasília, 2018.

49 f.

Orientação: Prof^a. Dra. Greyciane Souza Lins

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Biblioteca Escolar. 2. Incentivo à leitura. I. Título.

CDU 027.8



Título: Biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura e ensino-aprendizagem: pesquisa participante sobre contação de histórias.

Aluna: Thais da Silva Rodrigues.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 10 de dezembro de 2018.

Greyciane Souza Lins - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Sônia Araújo de Assis Boeres – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Cosme Fernando Ramalho Sotellino de Moura – Membro externo
Supervisor da Biblioteca do Superior Tribunal Militar
Pós-Graduação em Biblioteconomia

*Para todas as bibliotecárias e contadoras de histórias que acreditam que o despertar pela
leitura é capaz de salvar o mundo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus incríveis amigos que sempre torceram por mim e me ajudaram com energias boas.

A alguns membros da família.

Aos meus cachorros Quick e Tody.

Aos psicólogos da Universidade Paulista de Brasília.

E por fim agradeço imensamente a Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília que sempre se mostrou disposta a me ajudar como discente.

“Mas os livros que em nossa vida entraram
São como a radiação de um corpo negro
Apontando pra a expansão do universo
Porque a frase, o conceito, o enredo, o
verso
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)
É o que pode lançar mundos no mundo.”

Caetano Veloso

RESUMO

Este trabalho apresenta o potencial educacional de um projeto de leitura em ambiente escolar. Demonstra que a biblioteca escolar tem um papel fundamental na vida do aluno como função educadora e da constante necessidade de imersão no processo de ensino-aprendizagem. Para que isso aconteça, é primordial a comunicação entre o bibliotecário e colaboradores do corpo pedagógico. Nesse contexto, o bibliotecário deve assumir o papel de educador e incentivador da leitura. A leitura é uma atividade capaz de atuar na formação social, cognitiva e emocional na vida de um indivíduo. A proposta apresentada inseriu a contação de história e demais atividades lúdicas no ensino fundamental 01. Esse método foi aplicado e amplamente administrado pela autora em uma escola do ensino privado em Brasília. Foi constatado o intuito de formar leitores que incluem o espaço da biblioteca em suas rotinas. Aumentou-se a percepção da relevância do profissional bibliotecário, criando a partir dessas atividades, crianças que buscam a leitura como recurso de prazer, conhecimento e valores sociais.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Contação de histórias. Ensino-aprendizagem. Incentivo à leitura. Atividades lúdicas.

ABSTRACT

This work presents the history of the emergence of libraries in Brazil, as well as the concept of school library and its main proposals. Subsequently, it is evident that the school library plays a fundamental role in the student's life as an educational function and the constant need for immersion in the teaching-learning process. For this to happen, communication between the librarian and the pedagogical team is paramount. In this context, the librarian must assume the role of educator and encouraging reading. Reading is an activity capable of acting in social, cognitive and emotional formation in an individual's life. The proposal presented inserted the narrative and other play activities in elementary school. This method was applied and widely administered by the author in a private school in Brasilia. The intention was to train readers who included library space in their routines. The perception of the relevance of the professional librarian increased, creating from these activities children who seek reading as a resource of pleasure, knowledge and social values.

Keywords: School library. Storytelling. Teaching-learning. Encouraging Reading. Play activities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Jogo da Velha Temático.....	36
Figura 2: Porta-História Físico	37
Figura 3: Porta-História Digital	39
Figura 4: Apresentação de Temática Natalina.....	40
Figura 5: Questionário Digital	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Programação de proposta inicial para Horário de Biblioteca	29
Tabela 2: Horários propostos inicialmente para visita à biblioteca.....	31
Tabela 3: Cronogram - Horário de Biblioteca 2017	32
Tabela 4: Horários alterados para o Horário de Biblioteca de 2017.....	34
Tabela 5: Cronograma - Horário de Biblioteca 2018	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	13
2.1.1	Justificativa	13
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA	14
2.2.1	Objetivo geral.....	14
2.2.2	Objetivos específicos.....	14
2.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1	BREVE HISTÓRICO DE BIBLIOTECAS NO BRASIL.....	15
3.2	BIBLIOTECA ESCOLAR	16
3.2.1	BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR.....	20
3.3	A LEITURA	22
3.4	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	23
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
4.1	PESQUISA PARTICIPANTE COMO UMA PROPOSTA METODOLÓGICA	27
4.2	A BIBLIOTECA UTILIZADA PARA A PESQUISA.....	27
4.2	PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA: HORÁRIO DE BIBLIOTECA.....	28
4.3.1	RELATÓRIO DAS ATIVIDADES.....	31
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
7	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar faz parte do processo de desenvolvimento na formação de novos leitores. O seu ambiente é entendido como auxílio de ensino e facilitador de acesso à informação. A associação com a dinâmica escolar é fundamental para que ela exerça seu papel de espaço de construção do conhecimento, enriquecimento cultural e pesquisa (CAMPELLO, 2012).

O bibliotecário é o profissional habilitado para que isso aconteça e responsável pela mediação informacional e criação de atividades lúdicas. Deve assumir a sua condição de educador e incentivar o interesse pela leitura e despertar do imaginário no estudante. A leitura se trata de uma experiência contextualizada emocionalmente e fisicamente com o ambiente vivido no momento de sua realização. É capaz de solucionar conflitos internos sobre questionamentos intelectuais sejam eles de valores sociais, morais éticos ou políticos. Sua ação se trata de entendimento de significados escritos nos textos que vão além de símbolos e compreensão mecanicamente memorizada (FREIRE, 1989).

O objetivo deste trabalho foi construir uma revisão de literatura acerca de biblioteca escolar e demais temas agregados ao assunto e a partir disso inserir um projeto de contação de histórias em uma escola do ensino privado em Brasília. A contação de histórias exerce papel fundamental na vida de uma criança. Essa atividade permite a concentração, encantamento, criatividade e contribuição no fluxo de leitura que os leitores iniciais ainda não possuem. A autora articulou e atuou diretamente nessa implementação de modo que utilizou como procedimento metodológico a pesquisa participante.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

- A mudança de paradigma da biblioteca escolar: de posse do material para atividades lúdicas e motivacionais;
- A consolidação do papel do bibliotecário como mediador e a importância de sua formação e motivação para possuir conhecimentos e habilidades no processo de incentivo à leitura;
- A visão do bibliotecário escolar como elemento vital para o desenvolvimento de habilidades nas crianças.

2.1.1 Justificativa

Diante de nossa realidade em relação à educação, se fazem necessários o registro e a discussão de atividades sucedidas no ambiente escolar, que é o ponto de toda a estrutura da formação de leitores. A biblioteca escolar é ponto vital no processo educativo, pois atua na capacitação do estudante para que ele tenha competência em ações e apropriações informacionais que perdurem ao longo da vida (MACEDO, 2005).

É indispensável que o ser humano possua o hábito da leitura desde a sua infância para que desenvolva habilidades de pesquisa, construção do conhecimento e percepção emocional (habilidades fundamentais para a nossa atual Sociedade da Informação). Segundo Fernández e Kanashiro (2011) “a leitura determina o sucesso escolar, profissional, bem como a liberdade e autonomia do cidadão”. Para que esses objetivos sejam possíveis, o envolvimento da criança com a leitura deve ser inicialmente tratado como prazer em sua rotina.

Nesse sentido um dos mediadores principais em seu desenvolvimento é o bibliotecário e sua motivação em criação de atividades de incentivo à leitura. Como exemplo disso é possível a incorporação nas escolas do ato de contar histórias. Segundo Hillesheim e Fachin (2003) contar história é um dos principais estímulos à leitura. Os autores afirmam que a partir dela o aluno tem a oportunidade de realizar conexão entre realidade e fantasia, aumentar a capacidade de aumentar suas próprias resoluções de problemas, desenvolver identificação ou habilidade artística, prazer na leitura, procura de novas histórias, entre outras variadas finalidades positivas. É necessária a valorização constante do bibliotecário e da biblioteca escolar para que essas ações sejam possíveis e realizadas com êxito em nosso contexto de ensino atual.

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 **Objetivo geral**

Descrever a capacidade educacional da biblioteca escolar por meio de projeto de incentivo à leitura.

2.2.2 **Objetivos específicos**

1. Analisar o impacto da contação de histórias e demais atividades lúdicas na formação do leitor;
2. Agregar a biblioteca da escola como parte da rotina dos alunos (leitura autônoma ou com visita guiada, realização de tarefas escolares e circulação de materiais);
3. Aumentar a percepção da relevância do bibliotecário como educador no processo de ensino-aprendizagem.

2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este projeto delimitou-se em realizar pesquisas e ações metodológicas sobre biblioteca escolar a partir de projeto de incentivo à leitura. O período das análises ocorreu de fevereiro de 2017 a maio de 2018. Essa atividade foi direcionada apenas a alunos do ensino fundamental 01 mesmo que a escola possua segmentos que vão do ensino infantil ao médio. A biblioteca estudada possui caráter privado e se localiza no Lago Sul, bairro nobre em Brasília-Distrito Federal.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 BREVE HISTÓRICO DE BIBLIOTECAS NO BRASIL

No Brasil colonial os acervos existentes eram utilizados por religiosos para catequização dos índios ou alfabetização dos colonos. A instauração do Governo Geral em 1549 na capital Salvador (Bahia) foi o que proporcionou a manifestação de livros, instituições de ensino e bibliotecas no país. Esse acontecimento desencadeou o sistema educacional no Brasil e formação dos primeiros acervos, isso sendo considerado que os principais eram administrados por ordens religiosas, sobretudo os Jesuítas. O núcleo da informação no período colonial foi baseado em contexto religioso, mas com o tempo o país passou por fases significativas para a ampliação dos ambientes das bibliotecas. (SANTOS, 2010; MORAES, 2016). Acerca desse contexto temos determinada informação:

No Brasil, a história das bibliotecas até o início do século XIX pode ser resumida em três etapas sucessivas. Inicia-se com as bibliotecas dos Conventos e Particulares, passa-se pela fundação da Biblioteca Nacional e chega-se até a criação da Biblioteca Pública da Bahia (SANTOS, 2010, p. 51).

A partir dessa informação é possível levantar os principais tópicos desse histórico (SANTOS, 2010; MORAES, 2016):

As bibliotecas particulares: eram ainda de pouco interesse da população e sua existência se concentrava principalmente em Minas Gerais. Nesse estado predominavam acervos de pessoas consideradas com um padrão intelectual significativo na sociedade (advogados, cirurgiões e padres). A melhor biblioteca da época se encontrava na Bahia e pertencia ao Padre Francisco Agostinho Gomes. Outro grande destaque se tratou da biblioteca do Colégio Jesuíta (Rio de Janeiro). Os profissionais bibliotecários que realizavam catalogações de maneira correta e eficaz, algo que possibilitou o surgimento do primeiro catálogo do país.

Expulsão dos Jesuítas: realizada pelo Marquês de Pombal em 1773 e fim da Companhia de Jesus. Enquanto eram analisados para inventário, os materiais iam se deteriorando de maneira que em 1851 segundo relatório de Gonçalves Dias, quase nada foi possível de ser aproveitado.

Chegada da Biblioteca Real: O acervo possuía 60 mil materiais em diferenciados suportes (livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas). Marcada por uma transição conturbada de Portugal para o Brasil. Com a independência do Brasil ela passou a

ser denominada Biblioteca Nacional. Apenas em 1910 aconteceu sua mudança definitiva para a Avenida Rio Branco.

Implantação da primeira biblioteca pública: A Biblioteca Pública da Bahia foi fundada no dia 13 de maio de 1811. Seu auge foi em 1939 no por meio de três anos de trabalho de Jorge Calmon com ideias inovadoras que deram credibilidade ao título de biblioteca pública.

No contexto histórico da manifestação de bibliotecas no Brasil é significativo ressaltar neste trabalho o surgimento das bibliotecas escolares e sua literatura representante. Segundo Válio (1990) o surgimento da literatura infantil ocorreu por meio de alguns autores que marcam o gênero até hoje, como por exemplo, Hans Christian Andersen e Charles Perrault e a sua necessidade iniciou-se a partir de atitudes sociais burguesas. “Escrever literatura especificamente para o público infantil não era intenção dos autores até 1697, quando Perrault publica os contos da Mamãe Gansa (COUTINHO, 1994 apud VÁLIO, 1990, p. 2).” No Brasil essa manifestação cultural literária somente aconteceu no século XX a partir do autor Monteiro Lobato (VASCONCELOS, 2008).

O surgimento da escola somente se deu como presente no Brasil a partir de uma lei criada em 15/10/1827 com objetivos educacionais bem específicos: alfabetizar, ensinar aritmética e religião. A forma de ensino simplificada ainda não tinha sido o ponto de partida para a necessidade de bibliotecas escolares. Naquele momento os livros sequer eram materiais de circulação livre. As bibliotecas escolares como conceituamos hoje, aconteceram a partir da fundação de escolas normais e nas décadas de 30 e 40 foram surgindo as bibliotecas de ginásios estaduais (VÁLIO, 1990).

As bibliotecas escolares tem seu marco na década de 1950. Para Silva (2011, p. 497) o estado tido como referência é Santa Catarina “uma vez que procurou instituir procedimentos legais e pedagógicos para consolidação das bibliotecas escolares”. A partir dessas reflexões foi possível observar que a difusão de bibliotecas demorou a acontecer no Brasil sendo basicamente de domínio religioso e particular burguês. Refletir então o conceito de escola, educação e até mesmo biblioteca escolar apenas faz com que seja concluído como é um assunto recente no país com várias construções e desconstruções a serem trabalhadas.

3.2 BIBLIOTECA ESCOLAR

A escola é uma instituição de ensino que recebe indivíduos com o objetivo de formar cidadãos a partir do seu ambiente de ensino-aprendizagem. Serão pessoas com capacidade de enfrentar desafios sociais e culturais com a construção do conhecimento adquirido *a priori* no espaço escolar. A responsabilidade de formação dos alunos se estende além da sala de aula juntamente com o professor, por exemplo, a “biblioteca escolar é mediadora nesse contexto por ser a responsável em gerenciar a informação a partir de documentos impressos, especiais (multimeios), eletrônicos e digitais” (CARVALHO, 2017).

A biblioteca escolar (BE) está intrinsecamente ligada ao processo de aprendizagem dos estudantes. É importante para a suplementação curricular, contribuição para que alunos se tornem seres humanos críticos, possuam acesso às ferramentas de pesquisa e produzam conhecimento. Para que isso seja possível ela deve ser um setor ativo na escola. Para Tavares (1973) podemos conceituar biblioteca escolar como:

Uma instituição de serviço – suas funções são de apoio aos objetivos da escola sem diferir delas; além disso, proporciona material para todos os temas e para todos os interesses dos professores e alunos e sua utilidade aumenta à medida que esses aprendem a usá-la e a utilizar seus serviços com o fim de trabalhar e distrair-se.

No Brasil a ascensão de bibliotecas escolares teve marco principal no século XX com a intenção de promover a inserção social e desenvolvimento econômico (GOULART; REIS, 2018).

Segundo a IFLA/UNESCO (2016) concerne à biblioteca da escola ser um local com recursos físicos e digitais de acesso a toda comunidade escolar que permita o hábito da leitura, pesquisa, cognição, processo criativo e imaginação influenciando no desenvolvimento pessoal, cultural e social. As classificações para o espaço variam de acordo com suas diferenciadas propostas, podem ser chamadas de centros de recursos de aprendizagem, centro de mídia, centro de documentação e informação, mas o termo biblioteca escolar consiste no mais abordado. A IFLA/UNESCO (2016) cita pontos imprescindíveis para a constituição de seu espaço (em circunstâncias ideais), são eles:

- a presença de um bibliotecário com formação em biblioteconomia;
- diversificadas fontes de informação e seus variados suportes;
- espaço acessível para eventos culturais e educativos;
- oportunidade para a comunidade escolar aprender uso de ferramentas digitais;
- o apoio e incentivo à produção do conhecimento;
- desenvolvimento de leitura e literacia.

Macedo (2005) afirma que a missão da biblioteca escolar constitui principalmente na fomentação do processo de ensino-aprendizagem do estudante. As informações fornecidas por ela sustentam ideias fundamentais para que a Sociedade da Informação obtenha sucesso em seu funcionamento. Ela é capaz de habilitar o aluno para desenvolvimento da imaginação e aprendizagem de modo que o prepare para seu futuro. Além do domínio em conteúdos informacionais é esperado que seu uso seja pertinente para que o indivíduo tenha a intenção de mudanças significativas no seu local de atuação seja de maneira profissional ou social. E, para que essa capacitação informacional ocorra é importante que exista em uma escola a comunicação entre bibliotecários e colaboradores (direção e coordenação) juntamente com o corpo docente. A autora completa que “é inaceitável que a biblioteca escolar fique sem o respaldo de um conceito extensivo de organismo misto de ordem biblioteconômica e educacional no qual transpareça todo um ciclo de sua organização (MACEDO, 2005)”.

O Manifesto da IFLA/UNESCO (2002) amplia essas perspectivas desenvolvendo sobre os objetivos da BE. A partir da biblioteca escolar as crianças desenvolvem e mantêm o hábito pela leitura e perpetuando o uso de recursos da biblioteca ao longo da vida. Os estudantes precisam obter apoio para que produzam conhecimento e usem a informação de maneira global em diferentes suportes informacionais. É pontuado ainda que a “liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia (IFLA/UNESCO, 2002, p.3).”

É importante observá-la não só como um ambiente de circulação de materiais. Segundo Côrte e Bandeira (2011, p. 8) ela se trata de “um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito de leitura”. Apesar disso os desafios encontrados são inúmeros mesmo que façamos parte atualmente da Sociedade da Informação e tenhamos cada vez mais recursos para tornar a biblioteca um ambiente atrativo e não obsoleto. Inclusive, os profissionais educadores tendem a obter uma convicção equivocada sobre a relevância da biblioteca escolar em meio aos avanços tecnológicos. O conceito de BE deve ser sempre adequado ao contexto vivido pelos alunos e demais responsáveis pela educação.

Com frequência não há a presença do bibliotecário no contexto que lhe pertence. É possível observar funcionários que não possuem vínculo com a área de biblioteconomia realizando a função do bibliotecário. Geralmente são funcionários que possuem alguma implicação em continuar em sala de aula ou são de qualquer outro perfil profissional. Para que situações assim não se perpetuem é necessário que a escola não baseie essencialmente os

princípios da biblioteca em empréstimos e devoluções de livros. Para Hillesheim e Fachin a biblioteca escolar é caracterizada como:

[...] um espaço em que os alunos encontram material para complementar sua aprendizagem e desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico. É na biblioteca que podem reconhecer a complexidade do mundo que os rodeia, descobrir seus próprios gostos. [...] Biblioteca escolar é um centro ativo da aprendizagem, portanto precisa ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. A biblioteca escolar, portanto, deve trabalhar com os professores e alunos e não apenas para eles. (HILLESHEIM; FACHIN, 2003, p. 37).

Segundo Campello (2012) a visibilidade da biblioteca pode melhorar a partir de pesquisas que provem na prática a sua relevância para o ambiente escolar. O exemplo relatado a seguir se trata de levantamentos baseados em bibliotecas bem estruturadas, com acervos eficientes, profissionais formados e atividades do currículo educacional relacionadas à biblioteca. Elas possuem participação ativa do bibliotecário e investimentos da escola que resultam em um reflexo direto na aprendizagem dos alunos. A autora conceitua o exercício de demonstrar essa influência direta do acesso à biblioteca, em uma prática baseada em evidência que “envolve basicamente duas ações: os profissionais precisam produzir e compartilhar evidências a partir de sua própria prática e tomar conhecimento de estudos acadêmicos relevantes e metodologicamente adequados” (CAMPELLO, 2012, p. 12). Complementa ainda que:

No que diz respeito especificamente à biblioteca escolar, a prática baseada em evidência dá ênfase à utilização de resultados de estudos que identificam quais fatores, no âmbito da biblioteca escolar, podem fazer diferença na aprendizagem. Estudando e refletindo sobre esses resultados, os bibliotecários poderão realizar ações mais efetivas na orientação dos estudantes e na implementação e aperfeiçoamento de projetos de letramento informacional. (CAMPELLO, 2012, p.10)

Outro exemplo a ser citado é sobre as bibliotecas de Ohio, nos Estados Unidos, estudo feito por Todd e Kuhlthau (2012). Trata-se inicialmente de um questionamento sobre a tentativa de retirar a presença do bibliotecário das escolas. O momento foi bastante oportuno levando em conta que era um período de avaliar e comparar o desempenho das escolas da cidade visto que a biblioteca seria uma parte primordial desse processo. A ideia principal se baseia em como a biblioteca ajuda na busca de informações e o impacto de suas atividades. Foi realizada por meio de questionário eletrônico respondido por 13.123 alunos. O termo central da pesquisa se tratou da palavra “ajuda”, ou seja, como o profissional facilitou o

cotidiano diariamente de quem utilizava os serviços do local. Os alunos respondiam sobre a importância de diferentes fontes de informações disponibilizadas a partir do profissional presente e ambiente físico em si, credibilidade informacional, multiplicidade de recursos intelectuais que contribuíram para construção do próprio senso crítico, inclusive sobre como o bibliotecário amenizava o estresse e ansiedade dos alunos para iniciar pesquisas. A partir desse suporte se sentiam confiantes também para ir além e buscar outros conhecimentos aprofundados sobre determinados assuntos direcionados pelos professores. Entre outras observações, por exemplo, foi explicitado como a relação que os professores têm com os bibliotecários influencia na forma que eles irão valorizar o profissional e usufruir das oportunidades que lhes são direcionadas.

Os resultados revelaram por fim que:

A biblioteca é mais do que um simples estoque de informações. Os estudantes mostraram que ela os ajudava a construir suas compreensões e conhecimentos, ensinando-os a pesquisar, a identificar ideias pertinentes, analisar, sintetizar e avaliar informações, a estruturar e organizar ideias, a desenvolver pontos de vista, tirar conclusões e ter opiniões próprias. (CAMPELLO, 2012, p. 31)

O espaço físico da biblioteca escolar é capaz de alterar na prática a postura dos estudantes e os seus resultados escolares, assim como o bibliotecário com o papel de educador também contribui nessa evolução educacional.

3.2.1 Bibliotecário Educador

A caracterização do bibliotecário como protetor de livros já está ultrapassada há bastante tempo. No ambiente escolar essa perspectiva não deve ser vista de maneira diferente. A questão é como o bibliotecário se impõe em relação à sua missão na biblioteca e como a escola dá espaço para que suas iniciativas sejam concretizadas. Ele deve estar inserido no contexto pedagógico e ter acesso ao currículo escolar para realizar atividades complementares ao conteúdo ministrado em sala de aula ou eventos culturais. Côrte e Bandeira (2011, p.12) afirmam que:

Quando a biblioteca esclarece dúvidas não resolvidas em sala de aula, quando mostra ao aluno as relações existentes entre as matérias ministradas, ela exerce o papel de mediador da informação. O bibliotecário passa a atuar como educador e incentivador da busca de conhecimentos.

O bibliotecário deve ter competência para despertar no aluno o interesse pela leitura e aptidão para lidar com demais setores que envolvem a instituição. Esse meio pode abranger coordenação, direção, professores, inclusive pais de alunos. É imprescindível a sua inserção na “comunidade escolar, conhecer e participar das propostas curriculares e fazer da biblioteca um espaço integrado à escola, proporcionando momentos de descoberta, alegria, criatividade, reflexões, debates, questionamentos, aprendizagem e prazer, entre outros” (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013).

O trabalho realizado pelo bibliotecário é sutil em relação ao que professores e coordenadores desempenham, sendo assim, a forma como o diretor o enxerga como mediador não é facilitada ou mesmo vista. Há um estudo realizado por Gary Hartzel (CAMPELLO, 2002) que mostra a visão limitada de diretores de escolas nos estados Unidos em relação a esse profissional. É visto como um apoiador educacional e não como um participante ativo na aprendizagem dos alunos. Existem diversos fatores que Hartzel aponta em sua pesquisa como influenciadores desta perspectiva de diretores e professores: apoio apenas para emprestar materiais, isolamento no espaço físico e horário, disseminação escassa de informações sobre a profissão (publicações que envolvam educação e biblioteconomia). Os diretores compreendiam como atribuição do bibliotecário somente fornecimento de informações para usuários, auxílio para estudantes encontrarem determinados materiais demandados ou apoio aos professores quando houvesse alguma solicitação específica (CAMPELLO, 2002). Segundo Silva e Ventorim (2016, p. 15):

O bibliotecário tem o papel de trabalhador docente que desenvolve trabalhos pedagógicos no seu dia a dia, necessita ser escutado nas condições de trabalho que lhe são oferecidas e por ele vivenciadas, numa busca pelo estabelecimento de relações e ações articuladas com os processos pedagógicos.

Os conhecimentos técnicos adquiridos no meio acadêmico não são suficientes para abranger os desafios encontrados em uma escola. Dessa forma Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 6) afirmam que:

Um bibliotecário verdadeiramente educador necessita conhecer sua área de atuação específica, mas também considerar a dimensão pedagógica da escola como seu locus de atuação profissional, apropriando-se dos processos de ensino-aprendizagem segundo uma perspectiva transformadora de sujeitos críticos e em relação aos conteúdos e conhecimentos desenvolvidos na escola.

O desenvolvimento de determinadas habilidades do bibliotecário além de funções técnicas fica caracterizado, sobretudo como uma busca individual. Seu interesse pela leitura

deve ser contínuo, assim como, cursos de contação de histórias e aprendizados relacionados a aspectos culturais.

3.3 A LEITURA

No Século do Humanismo a leitura era disponível somente à burguesia. Nos últimos anos a acessibilidade se tornou maior tal qual a produção do conhecimento. Para que os seus benefícios sejam aproveitados é importante o incentivo contínuo à leitura, disponibilização de informações e auxílio em diferentes contextos de modo que as pessoas realmente assimilem o conteúdo exposto. Em suma Bamberger (1991) faz algumas reflexões sobre a leitura/livro:

- faz parte de um processo cognitivo. O ato da repetição faz com que haja aumento da cognição e assegura o esforço intelectual;
- desenvolve a linguagem e personalidade,
- no caso dos jovens o livro é capaz de representar suas necessidades internas;
- aumenta a capacidade crítica;
- contribui na resolução de problemas éticos, morais ou sociopolíticos (proporcionando exemplos de confrontos intelectuais e respostas a questionamentos);
- auxílio no processo de auto-educação (ciência e tecnologia);

Ler em uma primeira circunstância se trata de um ato de decodificação de símbolos. Mas a experiência emocional e de aprendizado que a leitura pode proporcionar ao ser humano de maneira particular, acontecerá apenas quando houver interpretação do conhecimento e sentimento transmitido pelo autor. Ela deve ser apreciada e aproveitada em seu contexto, assim não será absorvida de forma mecânica e esquecida em um curto espaço de tempo. Acerca disso Paulo Freire (1989, p. 12) compartilha que:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memoriza-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

O autor explora ideias de como antes de aprender sobre letras e palavras, há outras leituras que são importantes. A leitura do mundo como um todo a vivência, a cultura dos indivíduos e sendo questões levadas ainda além. Refletindo que “a leitura da palavra não é

apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo ou de ‘reescreve-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 12). Em outra forma de abordagem sobre a leitura Smith (2003) a conceitua como atividade que nunca deve ser vista como algo abstrato que não possui finalidade (embora muitos pesquisadores e teóricos ainda pratiquem tal ação). Smith (2003, p. 198) afirma ainda que “a leitura e sua memorização sempre envolvem emoções, bem como conhecimento e experiência”. Por fim ele explica que o ato de ler não se dissocia da escrita e do pensamento, sendo necessária uma interação entre leitores e escritores.

Os impulsos externos são uns dos maiores responsáveis pela inserção da leitura na vida do indivíduo. O incentivo deve começar pela família e entrelaçar com os objetivos da escola. Algo que não acontecerá somente com o professor em sala de aula, mas também com o bibliotecário escolar.

3.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A oralidade é um método de transmissão de conhecimento existente há bastante tempo e precedeu a escrita. Agrega determinadas funções representativas inerentes ao ato de escrever. Em uma história narrada é possível atribuir gestos, expressões faciais ou diferentes tons de voz. Ao desenvolver uma contação de história com acréscimos lúdicos, o profissional responsável por essa atividade contribui para a assimilação do conteúdo para um público que ainda não possui domínio na leitura. Exemplo disso são as crianças nas séries iniciais (ensino fundamental 01) que até aquele momento não conseguem conduzir a leitura com determinadas pausas, respeitando pontuações ou mesmo entonações necessárias a um bom entendimento do texto (CARMO, 2016).

De acordo com Lourenço (2004) contar histórias é uma tradição comum basicamente entre todas as culturas existentes desde o período das cavernas. Essa arte persiste na nossa sociedade mesmo em todo o contexto tecnológico e midiático, capaz de despertar o encantamento e interesse pela literatura e demais conhecimentos. Acerca disso Busatto (2011) evidencia que:

Para atual sociedade do consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro. [...] Porém a informação pela imprensa deixa de lado o fantástico, o maravilhoso e a reticência, características das narrações orais que se encarregam de gerar encantamento enquanto naram, prolongando a história com divagações, digressões, dilatando o tempo narrativo e levando o ouvinte para onde eles desejarem.

O contador de história irá conseguir despertar o encantamento no outro apenas no momento em que seu próprio encantamento foi despertado. “Nesse sentido, para encantar com uma história, o contador coloca-se em uma perspectiva de estar encantado e de viver essa catarse, primeiramente, em busca da sua própria fruição” (LOURENÇO, 2014).

Para Botelho (2016) o reencantamento, construção e reconstrução do mundo fazem parte da ressignificação do que é contar história no séc. XXI. Assim como a transmissão de valores e participação no processo de ensino-aprendizagem do estudante. É essencial que o contador tenha um preparo inicial do que irá ler, pois não se trata apenas de uma leitura e sim de uma interpretação. Assim como elabore um ambiente de surpresa e emoção recorrendo a inúmeros gêneros literários, por exemplo, lendas, aventura, ação, fábulas, entre outros.

Ao escutar uma história o aluno trabalha melhor a percepção do conteúdo que lhe foi apresentado tal como a concentração, algo essencial que colabora para sua condição como participante de uma sala de aula. A partir disso Carmo (2016, p. 25) exemplifica essa particularidade da contação de história como:

O poder da história está em falar menos e contar mais. A arte de contar histórias agrega; a história exemplifica conceitos e ensina o aluno a escutar. Diferente do bombardeio intelectual, a história está ligada à emoção, sendo memorizada com mais facilidade. As narrativas marcam o ser humano.

No contexto da biblioteca escolar é indissociável o papel do bibliotecário como mediador de leitura a partir do desenvolvimento de habilidades. Um grande fator que influencia a formação de leitores é a contação de história, recurso essencial para que o bibliotecário exerça esse papel de mediador. As crianças, o alvo principal, podem aprender de forma lúdica a se interessar pelo universo da história narrada. O hábito de ler é algo a ser desenvolvido todos os dias, um exercício constante e que deve ser aprendido desde cedo (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO, 2017).

O investimento do profissional em realizar contação de história reflete em inúmeros resultados positivos tanto para os alunos como para a visibilidade do bibliotecário e a biblioteca. Em relação aos alunos os benefícios são inúmeros: eles podem desenvolver valores morais e interesse pela busca de novos livros. Silva, Alencar e Bernardino (2017, p. 40) concluem que:

A contação de história estimula a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, trabalha a concentração, contribui na formação crítica do leitor,

ajuda na personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Contar histórias vai além da leitura de um texto, é propiciar um momento de encantamento, surpresa e emoção. Deve sensibilizar e despertar nos ouvintes o interesse para novas leituras e descobertas.

O leitor nas séries iniciais tem a necessidade de auxílio de uma intermediação de forma que consiga ter maior contato e familiaridade com o texto lido. Nesse sentido a contação de histórias é o preenchimento da lacuna para a falta de dominação dos textos escritos. O aluno se sentirá estimulado a aumentar a sua habilidade de leitura e atingir independência leitora. A arte de contar histórias é o elo para despertar no leitor a curiosidade de leitura na história que ouviu (CASTRO, 2016, p.11). Além disso Hillesheim e Fachin (2003, p. 37) adicionam que:

A hora do conto é um dos principais estímulos à leitura e oportuniza as crianças que dela participam a: a) estabelecer uma ligação entre fantasia e realidade; b) sentir-se instigada para procurar soluções para problemas apontados ou vivenciados pelos personagens da história; c) ler por prazer; d) desenvolver o gosto e/ou habilidades artísticas; e) desenvolver a imaginação e criatividade; f) ampliar suas experiências e o conhecimento do mundo que o cerca; g) desenvolver a capacidade de dar sequência lógica aos fatos.

A partir da contação de história a criança desperta o interesse pela literatura infantil. O desenvolvimento de padrões de comportamento e valores sociais podem ser potencializados pelo hábito da leitura desse gênero. Vasconcelos (2008) pontua alguns desses principais pontos de evolução:

- aumento do vocabulário e fluência verbal (descrição de sentimentos e pensamentos);
- comportamentos criativos, ou seja, crescimento de interpretações sobre determinada situação e solução de problemas. Por exemplo, a criança pode criar alternativas diferentes para conflitos de personagens e enriquecer a solução de seus próprios problemas;
- visão crítica da realidade.

Vasconcelos (2008) apresenta interpretações de histórias da literatura infantil partindo do Behaviorismo e análise comportamental para exemplificar o impacto desses clássicos na atuação psicossocial da criança. Em um dos capítulos de sua obra, por exemplo, ela explora os comportamentos emocionais de Branca de Neve e os Sete Anões. São expostos sentimentos como inveja, raiva, medo, amor e felicidade. Comportamentos sociais como: divisão de tarefas, negociação, cooperação e competição. Além disto, valorização, do trabalho e diferenças individuais.

A apresentação de uma história como a Branca de Neve é capaz, por exemplo, de despertar as inúmeras abordagens acima e ter impacto direto na vida de uma criança. Eventualmente em determinadas apresentações é possível realizar a complementação de histórias com o auxílio de recursos tecnológicos, por exemplo, vídeos, apresentações em slides, músicas ou jogos. A pesquisa e criatividade deve ser iniciativa principalmente de quem irá mediar a leitura.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 PESQUISA PARTICIPANTE COMO UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Este tópico do trabalho visa relatar como se desenvolveu o projeto nomeado como Horário de Biblioteca baseado em contação de histórias. Demonstra também os resultados obtidos por meio de sua implementação e a especificidade da metodologia utilizada.

A formação metodológica foi baseada em descrição do local da pesquisa, descrição do projeto de incentivo à leitura e relatório das atividades desenvolvidas. Além da contação de histórias, a iniciativa contou com inúmeras ações extras para seu complemento. Assim houve maior êxito no processo de cativar os alunos para relacionamento com os livros e quebras de paradigmas sobre a biblioteca ser local de silêncio e repressão.

A autora da pesquisa também foi a responsável pela elaboração da seleção de histórias e criação das atividades lúdicas extras. Houve observação do momento antes do projeto e os variados resultados durante o procedimento. O método é conceituado como pesquisa participante no qual Prodanov (2013, p. 69) afirma que:

A metodologia desse tipo de pesquisa está direcionada à união entre conhecimento e ação, visto que a prática (ação) é um componente essencial também do processo de conhecimento e de intervenção na realidade. Isso porque, à medida que a ação acontece, descobrimos novos problemas antes não pensados, cuja análise e consequente resolução também sofrem modificações, dado o nível maior de experiência tanto do pesquisador quanto de seus companheiros da comunidade.

Essa pesquisa possui caráter exploratório podendo levantar questões sobre o tema abordado e dar espaço para possíveis aplicações dos métodos utilizados em futuros projetos escolares.

4.2 A BIBLIOTECA UTILIZADA PARA A PESQUISA

A Biblioteca da pesquisa se situa em uma escola da rede privada de ensino em Brasília na região do Lago Sul. Possui pouco mais de cinquenta anos de existência e é frequentada por alunos de classe média alta. O nome da instituição permaneceu em sigilo durante a pesquisa, mas não implicou na descrição do projeto ou em sua análise de resultados.

Realizou-se a reinauguração dessa biblioteca devido a uma reforma das instalações físicas em setembro de 2016. Atualmente o seu acervo possui cerca de doze mil livros e atende alunos do ensino fundamental 01, ensino fundamental 02, ensino médio e demais

profissionais interessados. Os investimentos financeiros foram elevados para que o local alcançasse um nível de ambiente mais moderno e atrativo para uso dos usuários. A mudança de sua estrutura foi finalizada com bastante êxito e se tratou do ponto de partida para ressignificação da visão da biblioteca na escola. Houve uma apresentação programada pela bibliotecária responsável logo após a reinauguração a fim de explicar regras e recursos disponíveis (como por exemplo, cinco computadores além do acervo físico).

O horário de funcionamento até o momento da pesquisa era fixo. O atendimento se iniciava a partir de 8h da manhã com pausa para o almoço de 13h às 14h15 e encerramento de expediente às 18h. O Ensino Fundamental 01 da escola em 2017 possuía 263 alunos e em 2018 o total foi de 243 alunos.

4.2 PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA: HORÁRIO DE BIBLIOTECA

Os programas de incentivo à leitura no colégio se restringiam basicamente à sala de aula, isso levando em consideração somente o fundamental 01 que foi o segmento escolhido para ser trabalhado no âmbito deste estudo. O Projeto Literário realizado pelos professores foi um exemplo dessa limitação. Os alunos forneciam uma determinada quantidade livros de literatura no início de cada ano letivo. Todos os materiais permaneciam caixas nas salas de aula e eram emprestados toda sexta-feira. Os alunos eram orientados pelos professores para realizarem determinadas atividades e avaliações relacionadas ao livro.

Nesse contexto foi identificada a necessidade de implementação de um cotidiano diretamente ligado à biblioteca do colégio em que a leitura se tornasse uma atividade prazerosa e não apenas obrigatória. Isso seria possível por meio de uma participação ativa do bibliotecário na rotina dos alunos com projetos de incentivo à leitura e assistência diária. O despertar do interesse para que os alunos frequentassem a biblioteca como recurso de aprendizagem, abrangendo o entusiasmo em relação à leitura, produção de trabalhos e pesquisas escolares foi uma proposta construída ao longo de um período relativamente extenso na biblioteca.

A intenção dessa intervenção tratou inicialmente em entender o comportamento dos alunos, qual expectativa, adaptação à rotina das regras da biblioteca e objetivo de uso do novo local. A reinauguração no fim do semestre letivo não foi considerada o momento oportuno para implementação de novos mecanismos de incentivo à leitura e de execução de projetos. O auxílio e participação ativa do bibliotecário e da autora foram os pontos a serem trabalhados até o fim do semestre da escola (dezembro de 2016).

No dia 15 de dezembro de 2016 foi apresentada uma proposta de projeto relativo à biblioteca direcionado apenas para o ensino fundamental 01. O Horário de Biblioteca visou focar nos alunos do Ensino Fundamental I com o intuito de fazer com que eles adquirissem o gosto pela leitura por meio da biblioteca e ampliassem esse hábito para além do ambiente escolar. Assim como frequentassem o local para incorporá-lo à sua rotina utilizando-o como recurso fundamental de acesso aos livros. Até aquele determinado período foi observado que os alunos do ensino fundamental 01 iam muito pouco à biblioteca, não sabiam as regras básicas e como deveriam utilizar o espaço como um todo. Frequentemente faziam perguntas sobre ser permitido ou não fazer empréstimos para levar livros para casa, qual era o procedimento para levá-los, se podiam estudar no local, entre outros.

A finalidade do Horário de Biblioteca foi ressignificar o espaço da biblioteca na vida escolar dos alunos. Atividades como Hora do Conto, saraus, encontro com escritor, feira do livro ou outras realizações constituíram como sugestões iniciais como parte do projeto para serem discutidas espontaneamente com coordenadores, direção e professores. A realização efetiva de todas as atividades poderia acontecer ou não, mas o foco principal e imprescindível era a realização de contações de histórias no Horário de Biblioteca.

A princípio em uma questão experimental os professores levariam toda primeira semana do mês a sua respectiva turma para realizar uma visita. Para dinamização do processo houve a sugestão de uma exposição de livros referente às datas comemorativas escolhidas a partir de temas relacionados à biblioteca ou outros conceitos culturais. A duração concedida pela coordenação foi de um total de 20 minutos para cada turma e sua programação *a priori* era baseada na seguinte tabela:

Tabela 1: Programação de proposta inicial para Horário de Biblioteca

<u>DATA</u>	<u>TEMA</u>
<u>Janeiro/</u> <u>Fevereiro</u>	Apresentação da Biblioteca e de suas normas. Explicação da sua importância, dos cuidados com os livros, atenção com a devolução e demais procedimentos. 30 - Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos
<u>Março</u>	21 de março - Dia Internacional da Poesia

<u>Abril</u>	18 de abril - Dia Nacional do Livro Infantil e Dia de Monteiro Lobato
<u>Mai</u>	13 de maio – Abolição da Escravatura
<u>Junho</u>	5 de junho – Dia do Meio Ambiente
<u>Julho</u>	20 de julho – Dia da Amizade
<u>Agosto</u>	26 de julho – Dia dos Avós
<u>Setembro</u>	7 de setembro - Dia da Independência
<u>Outubro</u>	12 de outubro - Dia Nacional da Leitura 29 de outubro - Dia Nacional do Livro (Dia da fundação da Biblioteca Nacional)
<u>Novembro</u>	20/11 – Dia Nacional da Consciência Negra
<u>Dezembro</u>	25/12 – Natal

Fonte: Elaboração nossa

Tabela 2: Horários propostos inicialmente para visita à biblioteca

Turmas – Matutino	<u>Turmas - Vespertino</u>
1º ano A – 8h20 às 8h40	1º ano C – 14h30 às 14h50
2º ano A – 8h40 às 9h	3º ano C – 14h50 às 15h10
2º ano B – 9h20 às 9h40	4º ano C – 15h40 às 16h
3º ano A – 9h40 às 10h	2º ano C – 16h40 às 17h
3º ano B – 10h40 às 11h00	5º ano C – 17h às 17h20
4º ano A – 11h às 11h20	
5º ano A – 11h20 às 11h40	

Fonte: Elaboração nossa

Apesar de o cronograma ter sido apresentado dessa forma, no começo do ano ao decidir quais seriam as primeiras histórias a serem contadas relacionadas a quadrinhos (primeira data comemorativa), foram selecionadas histórias que supostamente chamariam mais atenção dos alunos. Isso relativizando o contato que foi tido com os alunos anteriormente e o que mais seria do agrado deles. A exposição de livros não aconteceu e a grade horária foi mantida, mudando apenas o foco de como as histórias seriam trabalhadas. Não houve interferência negativa até então.

4.3.1 RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

A contação de histórias começou como um projeto sutil da autora deste trabalho. A criação, administração e participação como contadora de história foram de sua integral responsabilidade. A coordenação concedeu à biblioteca a autonomia para escolhas das atividades. Mas, com avaliações prévias para garantir se estariam de acordo com os princípios morais e éticos da escola e adequados em relação à faixa etária das turmas. Foi realizada uma divisão hierárquica entre as turmas para despertar diferentes interesses entre elas, pois apesar do trabalho ter sido desenvolvido apenas com um segmento, algumas turmas possuíam níveis diferentes de maturidade em relação às outras. Para turmas do 1º ano ao 3º ano uma obra seria trabalhada e para as do 4º e 5º ano (que se aproximam mais do ensino fundamental 2) a categoria seria outra, salvas exceções de algumas obras que foram acessíveis para todos os alunos.

A seguir apresenta-se uma exposição por meio de tabelas de como o projeto foi encaminhado e desenvolvido de acordo com as apresentações de suas histórias e atividades, em uma trajetória de fevereiro de 2017 a maio de 2018.

Tabela 3: Cronogram - Horário de Biblioteca 2017

Data	Série	Obra	Autor	Temas abordados	Recurso
24/02/2017	1º ao 3º ano	O Rato Adormecido	Maria Célia Madureira Raquel Gonçalves Ferreira	Incentivo à leitura, influência da leitura, biblioteca e amor aos livros.	Caracterização com fantasia de rato
24/02/2017	4º e 5º ano	O Porteiro do Condomínio dos monstros	Alexandre de Castro Gomes	Diferenças individuais, preconceito e humor.	
31/03/2017	1º ao 3º ano	O Quarto Porquinho	Ângelo Machado	Inovação de conto clássico, família e humor.	Apresentação em slides e caracterização com avental de porquinhos
31/03/2017	4º e 5º ano	João Valente	Fábio Sombra	Romance, aventura, literatura de cordel e perseverança.	Apresentação em slides
05/05/2017	1º ao 5º	Porta-história	Elaboração própria	Incentivo à leitura para que o aluno	Apresentação com

	ano			possa ter habilidade de criar suas próprias histórias, criatividade e dinâmica em grupo.	o Porta-História (caixa física)
23/06	1º ao 5º ano	Rumboldo	Eva Furnari	Convivência em sociedade e compreensão sobre regras.	Apresentação em slides e caracterização de rei
31/08	1º ao 3º ano	Uma Lição para o Saci	Zélia Maria Wanderley Dantas	Folclore brasileiro e amizade	Apresentação em slides, caracterização folclórica e jogo para compreensão das histórias
31/08	4º e 5º ano	Pé de cobra, asa de sapo	Rafael Soares de Oliveira	Folclore brasileiro e mundial. Texto escrito como parlenda.	Apresentação em slides, caracterização folclórica e jogo para compreensão das histórias
27/10	1º ao 5º ano	Porta-história	Elaboração própria	Incentivo à leitura para que o aluno possa ter habilidade de criar suas próprias histórias, criatividade e dinâmica em grupo.	Apresentação com o Porta-História (utilização do projetor)
07/12	1º ao 3º	Bolo de Natal	Elza Fiusa	Espírito natalino, solidariedade	Apresentação em slides,

	ano				caracterização natalina e apresentação de curta-metragem natalino
07/12	4° e 5° ano	Um Conto de Natal	Charles Dickens	Espírito natalino, solidariedade	Apresentação em slides, caracterização natalina e apresentação de curta-metragem natalino

Fonte: Elaboração nossa

Tabela 4: Horários alterados para o Horário de Biblioteca de 2017

<u>Turmas – Matutino</u>	<u>Turmas - Vespertino</u>
1° ano A – 7h30 às 8h	1° ano C – 14h30 às 14h40
2° ano A – 8h às 8h30	3° ano C – 14h40 às 15h10
2° ano B – 9h20 às 9h40	4° ano C – 15h30 às 16h
3° ano A – 8h30 às 9h	2° ano C – 16h40 às 17h10
3° ano B – 10h10 às 10h40	5° ano C – 17h10 às 17h40
4° ano A – 10h40 às 11h10	
5° ano A – 11h10 às 11h40	

Fonte: Elaboração nossa

A tabela 2 exemplifica o desenvolvimento das atividades realizadas em 2017. A escolha das histórias se baseou no que foi interagido com os alunos. As atividades eram preparadas no mês de cada data disponibilizada pela coordenação. Principalmente pelo fato da coordenação não ter achado possível a elaboração de um cronograma fixo para a contação de história no Horário de Biblioteca.

A primeira história foi um teste para analisar como seria o tempo de contação e reação dos alunos. Houve uma apresentação de regras da biblioteca, utilização do espaço e como o

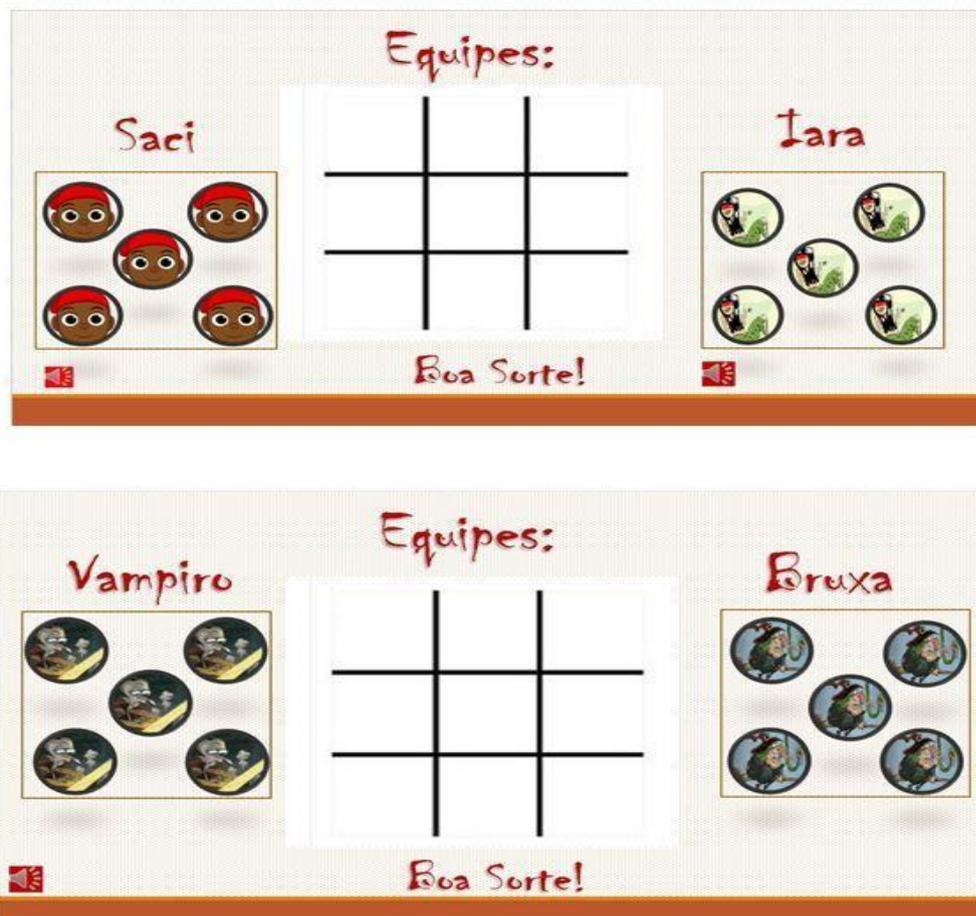
empréstimo deveria ser realizado (por meio da agenda escolar com carimbo específico). A contadora se caracterizou com fantasia de ratinho, o personagem principal da história contada para as turmas do 1º ao 3º ano. Isso já gerou bastante impacto nos alunos ao entrar na biblioteca, inclusive os do 4º e 5º ano. No final foram discutidos os valores sociais abordados nas histórias relatados na tabela como “Temas Abordados”. O *feedback* foi muito significativo, pois eles demonstraram gostar das histórias pelo suspense, emoção e por ser um momento de conforto e diferente da sala de aula.

Nas demais histórias permaneceu o padrão de contação com caracterização da contadora referente ao personagem principal de alguma das histórias contadas. Como a organização era exclusiva da contadora, foi possível a caracterização de apenas um personagem por dia de contação de história. A grade horária demonstrada anteriormente mostra como existe uma combinação de todos os anos do segmento um seguido do outro, sem possibilidade de variedade de fantasias em somente um dia.

Nas contações seguintes houve percepção sobre ser mais relevante a utilização de projeção com slides do livro escaneado. Todos poderiam ter visualização melhor das imagens dos livros enquanto era realizada a leitura. Esse recurso contribuiu significativamente para demais dinâmicas com as turmas.

Uma atividade interessante e destoante do padrão de contação foi um jogo correspondente às histórias para melhor fixação do conteúdo abordado, combinação de Jogo da Velha com Batatinha Quente. Toda turma que visitou a biblioteca se dividiu em duas equipes. Cada equipe tinha a sua vez para brincar de “Batatinha Quente”. O tema do mês se tratou do folclore e um gorro do Saci recheado de perguntas sobre as histórias abordadas, era passado de aluno por aluno ao som de uma canção. Quando a professora autorizava, a música parava e esse aluno com a ajuda de sua equipe respondia à pergunta sorteada no jogo. O ícone de sua equipe apenas seria autorizado a ser fixado no local escolhido, se o aluno acertasse a resposta da pergunta. Por fim, quem realizasse primeiro uma sequência de três ícones seguidos em linha ganharia o jogo. Os alunos ficaram muito entusiasmados pela diversidade da atividade, foram participativos e interessados para responderem as perguntas corretamente e ganharem da outra equipe concorrente.

Figura 1: Jogo da Velha Temático



Fonte: Elaboração nossa

Outra atividade e claramente percebida como a preferida pelos alunos foi o Porta-História. Ao pesquisar atividades para realizar com o ensino fundamental 01 no contexto da biblioteca, observou-se que vários bibliotecários e pedagogos faziam construção de histórias juntamente com os alunos por meio de objetos retirados de uma caixa. Baseado nisso criei o Porta-História. A partir de personagens sugeridos frequentemente pelos alunos, objetos e ações que poderiam desenvolver um enredo, desenvolveu-se a caixa do Porta-História. O Porta História é uma maleta composta por 30 imagens variadas. Há imagens de contos de fadas, jogos de videogame, desenhos animados, ações e objetos aleatórios. A atividade é iniciada em um contexto qualquer escolhido pelos alunos e a partir disso cada aluno vai retirando uma imagem e dando continuidade à história.

Figura 2: Porta-História Físico



Fonte: Elaboração nossa

A partir de pedidos dos alunos foi repetida a atividade em outubro. Para melhor organização e proveito, ela foi adaptada para o meio digital. A elaboração de slides foi feita pela plataforma “Apresentações” da Google (recurso no Gmail que permite determinada apresentação). Produziu-se uma apresentação com explicação das regras do Porta-História e diversas slide com números que ao receberem um clique revelavam imagens que poderiam dar enredo a uma história. As turmas foram criativas e independentemente da idade, todos conseguiam desenvolver uma história com começo, meio e fim. Inclusive foi percebido que as turmas do 1º ao 3º ano possuíam mais criatividade para criar histórias, provavelmente pela idade e por serem alunos que mais vão à biblioteca ler durante a saída ou quando liberados pelos professores para realizar empréstimo. Todas as histórias foram escritas em rascunho no processo que cada aluno contribuiu com sua parte no enredo. Eles aprenderam sobre manter uma história com nexos com começo, meio e fim, mas livre em liberdade criativa. No Horário de Biblioteca seguinte ao mês de cada Porta-História, as histórias criadas por eles estavam em sua versão final para serem contadas como “bônus” em mérito ao esforço de cada turma. Além disso, foi criada uma exposição na biblioteca na qual todos os alunos podiam acompanhar cada história, assim como os pais que iam buscá-los no local. Os alunos mostraram de maneira orgulhosa a participação feita na história e consequentemente os pais compartilharam de maneira positiva da situação.

Todas as histórias apresentadas tiveram preparação prévia da contadora, do material escolhido e pesquisa sobre a atividade que poderia ser realizada com os alunos para fins de tornar a visita ainda mais significativa. Além da função de entretenimento e questões empíricas discutidas na revisão de literatura anteriormente, havia sempre em cada história

uma conversa sobre os valores sociais expostos no dia da atividade. Por exemplo, no natal foram abordados questionamentos sobre consumismo e amor ao próximo nos curtas- metragens exibidos no final e no conteúdo das histórias em si. Durante o ano de 2017 a instituição de ensino elaborou um Instagram e Facebook para promover a escola de maneira geral no qual as atividades mais importantes eram postadas nessas redes sociais. O Horário de Biblioteca sempre estava presente com fotos e vídeos do que havia sido realizado com comentários positivos de pais e alunos. No decorrer de 2017 tudo realizado no projeto foi relatado para a coordenação e por meio de relatório a cada três meses. Com descrição da atividade, resumo da história e fotos com os alunos. No fim de 2017 após a última contação de história, foi elaborado um vídeo pela autora com a trajetória do ensino fundamental 01 e exposição de fotos polaroids com os alunos que fizeram parte do Horário de Biblioteca.

Figura 3: Porta-História Digital



Fonte: Elaboração nossa

Figura 4: Apresentação de Temática Natalina



Fonte: Elaboração nossa

A Tabela 3 representa os últimos meses de contação de história no Horário de Biblioteca. No ano de 2018 ainda não tinha sido atingido perante a coordenação um cronograma fixo para a atividade. O quadro de alunos matriculados se manteve basicamente o mesmo, algo que facilitou na preparação de novas atividades pela afinidade direta adquirida com eles anteriormente. O contato diário e crescente permitiu maior conhecimento sobre as expectativas esperadas em relação ao Horário de Biblioteca. A primeira atividade realizada buscou principalmente apresentar/relembrar a rotina e regras da biblioteca. Para não acontecer de maneira repressiva a autora criou um questionário que era respondido online por meio de ferramenta da Google para ser respondido após a explicação (ferramenta “Formulários” do Gmail que permite a elaboração de questionário online submetido a quem possuir autorização de acesso). Os alunos de maneira conjunta tiveram que ajudar dois personagens (Uni e Batman) a resolver desafios na biblioteca (com resultado final de quanto cada turma havia obtido). Eles responderam entusiasmados e fixaram as ideias sobre o objetivo principal. Além disso uma das histórias contadas tinha caráter musical. O áudio da música foi reproduzido durante o enredo e os alunos aprenderam facilmente a letra. Cantavam frequentemente quando entravam na biblioteca e pediam o livro que tinha sido contado.

Tabela 5: Cronograma - Horário de Biblioteca 2018

Data	Série	Obra	Autor	Temas Abordados	Recurso
1	1° ao 3° ano	O Caso do Bolinho	Tatiana Belinky	Astúcia, humor e música	Apresentação em slides, música apresentação da aos alunos com letra para canto em conjunto e explicação das regras da biblioteca e fixação por meio de Formulário da Google
	4° e 5° ano	Histórias Chinesas	Ana Maria Machado	Honestidade, confiança e amizade	Apresentação em slides, caracterização chinesa e explicação das regras da biblioteca e fixação por meio de Formulário da Google
2	1° ao 5° ano	Procurando Firme	Ruth Rocha	Fantasia, respeito e igualdade de gêneros	Apresentação em slides, caracterização de mulher guerreira, aula sobre o dia da mulher e dinâmica “Quem sou eu?”
3	1° ao 3° ano	Coelho Mau	Jeane Willis Tony Ross	Disciplina, convivência em sociedade e importância sobre falar a verdade.	Apresentação em slides, caracterização de coelho e aula sobre o mês da literatura infantil nacional e internacional
	4° e 5° ano	Que história é essa?	Flávio de Souza	Importância sobre falar a verdade	Apresentação em slides e aula sobre o mês da literatura infantil nacional e internacional
4	1° ao 3° ano	Menina Bonita do	Ana Maria	Preconceito e valorização do	Apresentação em slides, caracterização com avental de

	ano	Laço de Fita	Machado	negro	contador de história, aula sobre abolição da escravatura e dinâmica “Seu mestre mandou” e “Feitiço virou contra o feiticeiro”
--	-----	--------------	---------	-------	---

Fonte: Elaboração nossa

Figura 5: Questionário Digital

Vamos ajudar o Batman e o Uni a descobrir como funciona a incrível biblioteca da nossa escola?

Seu endereço de e-mail (bibliotecahartzer@perpetuosocorro.com.br) será registrado quando você enviar o formulário. Não é necessário [registro](mailto:perpetuosocorro@perpetuosocorro.com.br).

*Obrigatório

Nome *

Sua resposta

Série *

Sua resposta

Turma *

Selecione

Batman

Uni

Fonte: Elaboração nossa

Em 2018 o Horário de Biblioteca a pedido da autora foi aumentado pela coordenação para 30 minutos. Foi buscado o padrão novamente de data comemorativa do mês, explicação histórica da comemoração seguida se possível de brincadeira ou jogo surpresa com ênfase em convívio social e valores. Por exemplo, no mês de março foi abordado o Dia Internacional da Mulher com explicação sobre igualdade de gênero, luta histórica e atual enfrentadas pela mulher. Cada turma foi abordada de maneira diferente sobre o tema adequando-se à faixa etária. A história se tratou da quebra de paradigmas sobre uma princesa que desejava ser super-herói. A dinâmica se baseou no respeito mútuo entre meninos e meninas que devem

sempre tratar bem uns aos outros exaltando suas qualidades. Outro exemplo se tratou do mês abolição da escravidão. Novamente foi levado em conta o contexto histórico, história sobre valores sociais e respeito e dinâmica baseada nessa temática.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante a realização do Horário de Biblioteca houve uma mudança significativa sobre o comportamento dos alunos, direção, pais de alunos e professores com questões positivas e negativas. Algumas outras questões também foram observadas, entre elas estão:

a) a quantidade de alunos frequentando a biblioteca aumentou de maneira expressiva;

b) alunos incorporaram a biblioteca como parte de sua rotina na escola. O horário de saída do turno matutino era de 11h50 e a biblioteca fechava para o almoço apenas às 13h. Todos os dias após as aulas o local ficava bastante cheio com alunos fazendo deveres de casa, lendo gibis, demais livros e até mesmo Atlas. Realizavam vários empréstimos e devoluções ou ficavam lendo no tapete com almofadas (um dos espaços preferidos no local) sem intuito de levar o livro para casa, mas fazendo leitura contínua todos os dias;

c) reconheceram a biblioteca como local de ambiente prazeroso. Liam em grupo e individualmente. Assim como muitos reforçavam a ideia do local para os amigos;

d) a percepção do bibliotecário cresceu significativamente. A afinidade com os alunos foi importante nessa abordagem, pois muitos faziam questão de apresentar a autora do projeto aos pais. Vários alunos relataram como a biblioteca parecia ter mais vida, pediam sugestão de livros todos os dias e auxílio sobre materiais para pesquisa escolar e para colaboração no dever de casa. Possuíam desejos de temáticas específicas de livros para ler em casa (bailarinas, ciência, animais, terror, entre outros) ou sabiam como demandar temas escolares, por exemplo, algum país ou sobre meio ambiente;

e) a maioria dos pais dos alunos se sentiu realizada ao buscar o filho na biblioteca, pois mesmo se tratando de uma faixa etária infantil eles haviam se interessado pela leitura. Inclusive alguns alunos que eram da educação infantil (segmento separado pedagogicamente e fisicamente) ao acompanhar os pais para buscar os irmãos na biblioteca, faziam questão de pegar livro emprestado. Nesse caso a autora abriu uma planilha da educação infantil, mas registrou os livros nas agendas dos irmãos. Os pais junto com a biblioteca faziam esse controle. Entretanto uma parcela mínima de responsáveis achava incômodo ter que subir determinado andar, mesmo sendo informados que poderiam pedir à recepção para ligar na biblioteca e localizar o aluno;

f) os alunos do turno vespertino foram prejudicados com o horário de funcionamento da biblioteca. O horário de entrada consistia em 13h30 às 18h. A partir de 13h o local estava fechado para almoço e só reabria às 14h15. Às 18h o horário de saída coincidia

com o horário do fim do expediente. Só possuíam a oportunidade de ir ao local quando chegavam muito cedo ou quando havia autorização dos professores no horário de aula. No período de vínculo com a escola, a autora era a única responsável pelo local, sendo assim, era necessário o fechamento em determinados horários que poderiam ser utilizados por demais alunos;

g) vários professores consideraram o Horário de Biblioteca como uma atividade importante para integração da biblioteca na vida dos alunos. A partir disso marcavam várias visitas com a autora durante o horário de aula para que o interesse vigente dos alunos fosse cada vez mais amadurecido e cultivado. Entretanto alguns professores apesar de reconhecer a relevância ficavam na dualidade entre ter que ir à biblioteca e deixar atividades sobrecarregarem em sala de aula;

h) a instituição fazia questão de integrar a biblioteca nas redes sociais da escola como Instagram e Facebook como forma de promoção do local;

i) a falta de incorporação fixa do Horário de Biblioteca no calendário atrapalhou o planejamento de atividade;

j) a comunicação com a coordenação em alguns momentos era falha (marcação de Horário de Biblioteca com ensaio comemorativo da escola, por exemplo) e com a direção era quase nula. Apesar do reconhecimento obtido, havia muito ainda a ser aperfeiçoado;

k) houve interesse dos alunos não só na contação da história em si. A abordagem em relação aos conteúdos históricos na contextualização da história e valores sociais eram questionados e recebiam atenção deles ao conteúdo proposto;

l) havia busca contínua sobre quando iria ser o próximo Horário de Biblioteca e qual seria a história. A história contada era sempre buscada pelos alunos e caso ela estivesse emprestada outra era buscada e levada para casa;

m) a vontade de contar história na biblioteca surgiu em vários grupos de alunos. Eles escolhiam livros e contavam um para os outros. Inclusive uma das atividades do Horário de Biblioteca se tornou quase que diária entre alunos. Eles formavam um grupo de amigos e pediam a maleta física do Porta-História para desenvolver o próprio enredo sem auxílio da autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de incentivo à leitura denominado como Horário de Biblioteca possuiu duração de pouco mais de um ano e ressignificou expressivamente a relação da biblioteca com o colégio do ambiente da pesquisa. Felizmente houve recurso tecnológico para inserção de inovações no decorrer de suas atividades. A partir disso foram desenvolvidas variadas projeções e atividades lúdicas atreladas à contação de história. Exemplos disso foram:

- quase todas as histórias foram escaneadas e projetadas proporcionando melhor visualização para as turmas;
- questionário online sobre regras da biblioteca;
- atividades com músicas;
- apresentação de curta-metragem;
- construção de história em tempo real;
- jogos e brincadeiras.

Os alunos se interessaram progressivamente em participar da rotina da biblioteca assim como os pais reconheceram de maneira positiva o local (pessoalmente e pelas atividades postadas nas redes sociais do colégio). Ainda sobre os estudantes, eles pediam voluntariamente às professoras para pegarem livros, faziam deveres de casa no local e liam histórias silenciosamente ou em grupos. Incorporaram na rotina o ato de criar história (Porta-História) com os colegas. Por fim, interessavam-se não só histórias pelas contadas, como constantemente estavam em busca de novas.

A interação da biblioteca com o corpo pedagógico não foi totalmente satisfatória. Não houve êxito ao tentar incorporar de fato o Horário de Biblioteca como parte de um cronograma fixo na escola (algo que já acontece em várias outras instituições, inclusive como forma de atividade semanal e não mensal como foi proposto). União entre a proposta curricular exercida na sala de aula e biblioteca também não aconteceram. Por exemplo, se havia um projeto na escola que envolvia estudar um autor e trabalhar obras relacionadas a ele, essa atividade poderia ser atrelada à biblioteca.

É importante que o profissional da informação mantenha perspectivas de cada vez mais aprimorar métodos de incentivo à leitura e conquiste o seu reconhecimento na biblioteca escolar. Busque espaço de fala no corpo pedagógico mesmo quando ele não existir. Pois apesar das adversidades, não deve esquecer que o objetivo principal é formar novos leitores desde muito cedo para que incorporem ao longo da vida não só questões acadêmicas relativas

à pesquisa e produção de conhecimento. Os novos leitores devem ser detentores também da consciência sobre moral, ética, valores sociais e façam diferença em seu local de atuação. Atingindo esses propósitos a escola e a biblioteca escolar vão ter conseguido cumprir o papel de educar.

7 REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41, 2013.

BOTELHO, Aline. **Um olhar sobre a contação de histórias: o contador de histórias**. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 143p.

CARMO, Dalva Rejane do. **A contação de histórias no processo de aprendizagem da leitura**. 72 f. Dissertação (Mestrado Profissional em letras). Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

CARVALHO, Ediane Toscano Galdino De. Um olhar sobre a legislação profissional de biblioteconomia e sua relação com as bibliotecas escolares. **Biblionline**, João Pessoa, v.13, p. 29-45, 2017.

CASTRO, Luciana Pereira D. E. **Contação de história: um recurso para a promoção da leitura na SRM**. Londrina, 2016.

CÔRTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

FERNÁNDEZ, Gretel I. Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou? **Revista UFG**, p. 135-144, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOULART, Ilsa Do Carmo; REIS, Eliane Gonçalves dos; CASTRO; Fernanda Vilela. Biblioteca escolar: espaço de interação e integração da ação leitora. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 23, p. 224–244, 2018.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 8/9, 2004.

IFLA/UNESCO. **Diretrizes da IFLA /UNESCO para a biblioteca escolar**. 2016.

IFLA/UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 2002.

LOURENÇO, Adriana. Contando história e encantando nos espaços de leitura. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, p. 28–31, 2014.

MORAES, R. B. de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. 259 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologias do trabalho científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 6, p. 50–61, 2010.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 16, n. 2, p. 489–517, 2011.

SILVA, Antônia Moreira da; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca escolar e mediação da leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Revista de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 3, p. 36–44, 2017.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. 4.ed. Porto Alegre: Artes médicas, 2003. 423p.

TAVARES, Denise Fernandes. **Biblioteca escolar: conceituação, organização e funcionamento, orientação do leitor e do professor(a)**. São Paulo, SP: Lisa, 1973. 161 p.

VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Brincando com histórias infantis: uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens**. 2. Ed. Santo André, São Paulo: ESETec Editores, 2008. 196 p.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, p. 15–24, 1990.